

2  
O POTI  
8 e 9.9.90



Nosso patrimônio histórico

# TEATRO ALBERTO MARANHÃO

Jeanne Fonseca Leite Nesi (\*)

Nos últimos anos do século passado, o bairro da Ribeira começava o seu desenvolvimento, e no início do atual, já despontava como o principal centro cultural e comercial da Cidade. Surgia então, como um marco de progresso, o Teatro da praça Augusto Severo, cujas obras de construção foram iniciadas na gestão do governador Ferreira Chaves, em 1898. A Planta do Teatro foi elaborada pelo Eng<sup>o</sup> José de Berredo, cabendo a direção das obras ao major Teodósio Paiva.

O Teatro foi inaugurado aos 24 de março de 1904, recebendo a denominação de Teatro Carlos Gomes. Nessa sua primeira fase o teatro ostentava o estilo de chalé, o que acompanhava o gosto artístico da época. Possuía uma composição clássica, com três portas enquadradas por colunas e encimadas por um frontão triangular. Recebeu na sua fachada uma escultura confeccionada pelo francês Mathurin Moreau, simbolizando "A Arte", a qual ainda se encontra presente no mesmo local. Com essa configuração, o Teatro permaneceu durante seis anos.

-A FESTA INAUGURAL DO TEATRO - 1.<sup>a</sup> FASE-

A festa inaugural do Teatro Carlos Gomes foi abrilhantada com as presenças dos doutores Alberto Maranhão e Augusto Lima, acompanhados das suas famílias. Estiveram também presentes as principais famílias natalenses. A programação festiva constou das seguintes atividades:

1.<sup>a</sup> parte: A peça teatral "A Promessa", de Henrique Castriciano ensaiada por Segundo Wanderley e pela sra. Celeste Wanderley - executada por um grupo de crianças.

2.<sup>a</sup> parte: O barítono Comolleti contou dois trechos de "O Guarani" e de "Barbeiro de Sevilha". O maestro Smido regeu a Banda do Batalhão de Segurança e a Orquestra do Teatro.

Após a representação da peça "A Promessa", o autor Henrique Castriciano recebeu um bouquet de flores, ofertado pelas crianças. Em seguida, o sr. Deolindo Lima recitou um diálogo. Foram homenageados, na oportunidade, o Dr. Herculano Ramos, autor da decoração e adaptação do Teatro, e o dramaturgo Segundo Wanderley.

Em 1910, no governo do Dr. Alberto Maranhão, o edifício tipo chalé foi totalmente reformado pelo arquiteto Herculano Ramos. Naquela reforma, foram aproveitadas apenas as paredes laterais e o material da demolição. As obras se prolongaram por quase dois anos. Finalmente, aos 19 de julho de 1912, o arquiteto Herculano Ramos fazia a entrega do novo prédio ao governador Alberto Maranhão.

-A SEGUNDA INAUGURAÇÃO DO TEATRO-

A festa esteve a cargo da Companhia Lírica Pablo Lopez, do empresário Juca de Carvalho, e constou das seguintes atrações:

1.<sup>a</sup> parte: encenação da opereta "Princesa dos Dólares", em três atos, do maestro

Franz Lehar, cuja apresentação deixou a melhor das impressões.

Destacaram-se os artistas Mercedes Tersols, Estanislau Stany e Luís Navarro.

O novo teatro foi construído com dois pavimentos, em arquitetura eclética, com elementos de "art nouveau", muito em voga no início do século. Exibia uma fachada rebuscada, com cinco portões, artisticamente fundidos em Paris, superpostos por igual número de janelas rasgadas, guarnecidas com grades de ferro. Sua cobertura apresentava-se arrematada pela platibanda coroada com elementos de metal, jarros e estátua, todos importados da França. O teatro permanece com essa feição, até os dias atuais.

A denominação de Teatro Carlos Gomes foi mantida até agosto de 1957, quando ocorreu a mudança para Alberto Maranhão, uma justa homenagem ao grande protetor e incentivador da Cultura no Rio Grande do Norte. Em 2 de outubro de 1957, foi inaugurada a inscrição do nome Alberto Maranhão, no frontão do prédio.

O Teatro Alberto Maranhão é tombado, a nível estadual, pelo Decreto n<sup>o</sup> 9.300, de 27 de julho de 1985, publicado no Diário Oficial do dia seguinte.

Algumas obras de conservação foram executadas no Teatro, ao longo desses 78 anos de sua existência, e por duas vezes foi necessário desativá-lo, para uma maior segurança a melhor andamento das obras. A primeira paralisação ocorreu em 1959, na gestão do Superintendente-Geral do Teatro Alberto Maranhão, o teatrólogo Meiras Pires.

Recentemente ocorreu uma nova desativação, pela Fundação José Augusto, após vitória realizada em junho de 1988, quando foram constatadas as precárias condições, em que se encontrava aquela casa de espetáculos.

Em dezembro de 1988, um decreto do Governador Geraldo Melo transferiu a administração do Teatro para a Fundação José Augusto, em seguida, as obras de restauração foram iniciadas, mediante projeto do arquiteto Paulo Heider Feijó, e direção dos engenheiros Waldeir Dantas e Orígenes Montes Neto.

A frente da Fundação José Augusto, o jornalista Woden Madruga, que foi o cérebro e o coração da reforma realizada. Finalmente, no dia 1<sup>o</sup> de abril de 1990, o Teatro foi reinaugurado e reaberto ao público, que teve a oportunidade de encontrar uma casa de espetáculos, moderna e tecnicamente equipada. Foram preservados os traços e características arquitetônicas da valiosa obra artística, edificada no início do século.

FONTES- Jornais "A REPÚBLICA", n<sup>o</sup> 64, de 26 de março de 1904, e 159, de 20 de julho de 1912.

História do Teatro Alberto Maranhão, de Meira Pires, edição da Fundação José Augusto. Natal, 1980.

Outras pesquisas procedidas pela própria Autora.

(\*)Arquiteta da Coordenadoria de Atividades do Patrimônio Histórico e Artístico da Fundação José Augusto.

## le novo, Parte I

cípio de São Rafael e Jucurutu para as cidades de Mossoró, Assu, Natal e Vilas Rurais;

\* a perda de sítios arqueológicos;

\* a relocação e submersão dos túmulos guardados nos dois cemitérios da cidade de São Rafael; deixava para trás parte da história dos habitantes atuais: seus pais e avós;

\* a perda da cobertura vegetal existente nos lotes: carnaúba, algodão, oiticica, cajueiro, mangueira e limoeiros em produção, terreno desmatado, roçados, etc.;

\* a perda de benfeitorias expressa em cercas de arame, de pedra, e madeira; de casas de taipa, de currais, e tanques de alvenaria, etc.

### DURANTE A CONSTRUÇÃO

No dia 15.12.81 o deslizamento da grande parte da parede do reservatório, ainda sem água, provocou nova onda de intranquilidade na população, desta vez com relação à segurança da barragem.

Em reunião realizada em São